



ISSN 1984-5634

ARTIGO

DOS CLONES AOS BOTS: *STAR WARS* – EPISÓDIO II E A ASCENSÃO DO POPULISMO AUTORITÁRIO

*From Clones to bots: Star Wars – Episode II
and the rise of authoritarian populism*

JOÃO MARCOS CILLI DE ARAUJO¹

RESUMO:

Em *Star Wars – Episódio II: Ataque dos clones*, George Lucas apresenta uma república em erosão pelo fortalecimento de seu líder autoritário e populista. Trata-se do chanceler Palpatine, que manipula os medos e temores da população e da classe política para ampliar seus poderes e, em última instância, tornar-se um autocrata. Com o filme estreando entre o atentado de 11 de setembro de 2001 e a Invasão do Iraque, a referência óbvia do cineasta é seu próprio contexto histórico, no qual o medo do terror e do islã servem de fundamento para a restrição de direitos e a barbárie. Contudo, a ascensão de Palpatine possui muitas semelhanças com o fortalecimento de líderes, ideologias e políticas autoritárias do presente, quase vinte anos após o lançamento do filme.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Populismo; Democracia.

EDITOR-CHEFE:

Lúcio Geller Junior

EDITORA-GERENTE:

Maria Eduarda Magro

SUBMETIDO: 17.09.2020

ACEITO: 17.10.2021

ABSTRACT:

In *Star Wars – Episode II: Attack of the Clones*, George Lucas presents a republic in erosion by the strengthening of its authoritarian and populist leader. It is Chancellor Palpatine, who manipulates the fears of the population and the political class to expand his powers and, ultimately, to become an autocrat. With the film opening between the September 11 attacks and the Invasion of Iraq, the filmmaker's obvious reference is his own historical context, in which the fear of terror and Islam serves as a basis for barbarism and the restriction of rights. However, Palpatine's rise has many similarities with the strengthening of leaders, ideologies and authoritarian policies of the present, almost twenty years after the release of the film.

KEYWORDS: Science fiction; Populism; Democracy.

COMO CITAR:

ARAUJO, J.M.C. Dos clones aos bots: *Star Wars* – Episódio II e a ascensão do populismo autoritário. *Aedos*, v. 13, n. 30, p. 71-84, jan.–jun., 2022.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Licenciado em História e Mestre em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), realiza pesquisa de doutorado junto ao programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: jmcillidearaujo@gmail.com.

Este artigo foi concebido durante o isolamento social implantado para conter a pandemia do Covid-19. São tempos de crise, nos mais diversos níveis – político, humanitário, sanitário, moral. Trata-se, também, de um momento em que as plataformas de *streaming* atingem níveis inéditos de audiência, levando-as, inclusive, à necessidade de reduzir a qualidade da transmissão de seus vídeos a fim de suportar a grande demanda por dados.² E, nesse contexto, a busca dos telespectadores não é só por produções inéditas, muitas delas canceladas ou suspensas em razão das medidas de isolamento, mas, também, pelos grandes “clássicos” e sucessos do passado.

Por sua grande popularidade e relevância na cultura popular, além do fato, nada desprezível, de ter ganhado um novo filme em 2019, é seguro supor que *Star Wars* seja uma das sagas mais revisitadas por cinéfilos de todo o mundo. Ademais, é possível que muitos estejam assistindo em sequência os diversos filmes que compõem a franquia, seja pela ordem do lançamento ou a indicada pelo número no título de cada episódio.³ Trata-se de uma forma de recepção do produto cinematográfico hollywoodiano que o coloca em novas perspectivas e, não raro, problematiza, tenciona e abala concepções tradicionais. Ou seja, aqui defende-se que a segunda trilogia, iniciada em 1999 com *A ameaça fantasma*, geralmente vítima de chacota e considerada como muito inferior àquela original (iniciada em 1977), talvez mereça ser reabilitada. Para tanto, intenta-se uma análise de seu segundo título, *Ataque dos clones* (2002), com o objetivo de mostrar as diversas camadas políticas que perpassam a obra, um comentário crítico nada ingênuo ou superficial ao contexto histórico no qual foi produzida.

Não que tais críticas tenham passado despercebidas por aqueles que acompanharam o filme em seu lançamento. Um exemplo, no âmbito acadêmico, é o artigo *Attack of the Clones and the Politics of Star Wars*, de Anne Lancashire. A pesquisadora da Universidade de Toronto destrincha as diversas nuances políticas do filme, desde as mais próximas ao momento de produção da película, a virada do século XX para o XXI, àquelas mais gerais. Por que, então, retomar a discussão, passados quase vinte anos? Porque *Ataque dos clones* é uma crônica do ocaso da democracia, e sua mensagem serve como uma espécie de aviso de incêndio para o tempo atual, em que a escalada de governos, políticas e ideologias autoritárias acontece no Brasil e no mundo. Para a construção da narrativa, há, também, a apropriação de diversos casos históricos, tradição que se insere na obra menos como o resultado de uma recepção passiva e mais como uma atividade criativa de interlocução entre o passado e o futuro.

A trilogia original, iniciada na década de 1970, traz a luta de um grupo rebelde para restaurar um regime republicano em um conjunto de galáxias que há décadas encontra-se dominado por um império - e, para tanto, faz renascer uma antiga ordem de guerreiros, os *jedi*. Seu protagonista é Luke Skywalker, jovem insatisfeito com sua vida de fazendeiro que, à medida que a história se desenrola, revela-se não só como o único capaz de dar continuidade às tradições *jedi*, mas, também, filho do sinistro Darth Vader, antigo guerreiro que se corrompeu e braço direito do Imperador. Ao longo da narrativa, Luke depara-se com figuras que o treinarão e o auxiliaram em seu caminho, com Obi-Wan e Yoda, antigos *jedi*, e a Princesa Leia, jovem e influente política que atua como agente do movimento de resistência ao Império (posteriormente, é revelado que Leia e Luke são irmãos gêmeos). Os filmes lançados entre o fim da década de 1990 e o início dos anos 2000 abordam os acontecimentos que levaram

2 A medida foi anunciada em vários veículos nacionais e internacionais, como, por exemplo, o celebrado *The Guardian*. Ver Taylor (2020).

3 Os filmes produzidos entre 1999 e 2005 narram eventos anteriores àqueles apresentados na trilogia original (1977-1983) e, portanto, são oficialmente os episódios I, II e III.

à ascensão desse mesmo império, apresentando os fatores que possibilitaram a erosão da República e o papel dos *jedi* no ocaso de sua própria ordem guerreira e da democracia. Trata-se de um enredo trágico protagonizado por Anakin Skywalker, o pai de Luke, em que o herói é a causa da destruição de tudo que jurou proteger, inclusive da própria mulher amada, a senadora Amidala, mãe do protagonista dos filmes originais. O longa de 2002, segundo filme a ser lançado na trilogia prequela, acompanha as turbulências enfrentadas pela República, entidade democrática que reúne inúmeros planetas e sistemas estelares. Logo no letreiro inicial, uma das tradições mais marcantes da saga, é informado ao espectador que um movimento separatista ganha cada vez mais força e adeptos; como forma de detê-lo, cresce a proposta de se implantar uma lei marcial a fim de dar maiores poderes ao chanceler, senador de nome Palpatine, e possibilitar a formação de um exército republicano. O principal nome a se opor à alternativa bélica é a senadora Padmé Amidala, que passa a ser alvo de ataques contra a sua vida. Os *Cavaleiros Jedi* – a ordem de seres virtuosos e poderosos responsáveis por assegurar a segurança da galáxia – são apontados para proteger a senadora. A tarefa recai mais especificamente sobre Anakin Skywalker, o jovem e impetuoso protagonista da trilogia (e, convertido em Darth Vader, o vilão icônico dos filmes originais), aqui ainda um aprendiz, ou *padawan*, na linguagem utilizada na saga. Ele inicia um romance com sua protegida e, enquanto o casal se ama no idílico e distante planeta de Naboo, a lei marcial é aprovada na capital. Assim, é dado um importante passo para que o chanceler Palpatine se torne o nefasto Imperador da trilogia iniciada em 1977.

No Brasil, houve críticas positivas a respeito do longa em diversos veículos. O tom dos textos é similar: se, com o fracasso de *A ameaça fantasma*⁴, pairavam dúvidas acerca da qualidade de suas sequências, *O ataque dos clones* teria vindo para mostrar que a nova trilogia tinha potencial para se tornar um material de respeito. São críticas que notam o conteúdo político do filme, mas que não chegam a se estender sobre ele, optando por enfatizar outros aspectos da narrativa.

Inácio Araujo, escrevendo para a *Folha de São Paulo*, afirma que a “questão política é manifesta em ‘Ataque dos Clones’”, vez que a aprovação de uma lei marcial que permite à República criar um exército de seres clonados – produzidos em série e desprovidos de linguagem⁵ – “enfraquece a comunidade guerreira, de força fundada na sabedoria”; assim, “o que periclita no episódio é a ideia de ‘valor’ associada originalmente aos Jedi”. Contudo, o aspecto político da história está subordinado, na

4 Em *A ameaça fantasma*, lançado em 1999, a narrativa a respeito do início das turbulências na república confunde-se com a introdução de Anakin. Ele é, então, uma criança, vivendo como escravo num distante planeta desértico. Conflitos comerciais e militares, já parte do plano de Palpatine para ascender ao poder, levam o *jedi* Qui-Gon Jinn e seu aprendiz, Obi-Wan, a realizar a escolta de Padmé, então rainha do planeta Naboo. Os eventos os guiam até Anakin, jovem no qual identificam um imenso potencial para se tornar um *jedi*, talvez o mais importante de todos os tempos. Ao fim do filme, Anakin ingressa na ordem, sendo treinado por Obi-Wan, que se torna seu grande mentor e figura paterna (Qui-Gon, por sua vez, morre em combate, não sem antes pedir a seu então aprendiz que cuidasse do talentoso garoto).

5 À época da produção do filme, era muito discutida a questão da clonagem, principalmente a partir do nascimento da ovelha Dolly, em 1996. Os limites éticos à criação de clones humanos foram amplamente discutidos, e a saga de Lucas não fica alheia ao debate, apresentando um possível uso militar da prática. A questão da ausência da linguagem – que faria dos clones menos humanos e, por isso, descartáveis – foi posteriormente matizada em *Star Wars*. Isso não ocorreu na saga cinematográfica, mas, sim, em animações como *Guerras Clônicas* (*Clone Wars*) e *Rebeldes* (*Rebels*), nas quais muitos dos clones se tornaram personagens relevantes, providos de rostos e nomes, chegando a atingir até algum protagonismo em relação aos demais personagens. Outra produção mais recente a dar protagonismo a figuras que, nos filmes, são frequentemente anônimas e sem personalidade, é a série *The Mandalorian*, iniciada em 2019 (o personagem principal é um caçador de recompensas, mesma atividade do homem que serve de modelo para o exército de clones no filme que aqui se analisa).

resenha de Araujo, a seu aspecto mítico.⁶ Nas palavras do crítico, tudo o que envolve a empreitada de George Lucas “tem alguma relação com o mito. À medida que os episódios se sucedem, os personagens e situações propostas mudam. No entanto, tudo tende à permanência, operando sobre conceitos imutáveis” (ARAÚJO, 2002). Araujo não foi o único a escrever sobre o longa no periódico paulista. Cristina Amorim também o fez, mas se atendo a elementos muito mais prosaicos do filme. O título de sua crítica diz tudo: “*O Ataque dos Clones*” é diversão e mais nada além disso. (AMORIM, 2002).

Érico Borgo, do site *Omelete*, destaca que “o melhor mesmo é o cenário político”, o que lança a expectativa sobre maiores reflexões a respeito do tema. Contudo, o comentário do autor sobre a política é sucinto: “Palpatine (Ian McDiarmid), outrora senador (e futuro imperador), tornou-se chanceler supremo. Sua ascensão ao poder e a consequente ruína da república estão tomando forma.”. O verdadeiro esmero de *O ataque dos clones* recairia, de fato, na parte técnica, seus efeitos especiais “absolutamente fantásticos” e a música do “lendário” John Williams (BORGO, 2002). A ênfase no uso da tecnologia para construir o visual do longa foi muito comum também na imprensa de língua inglesa, como nota Lancashire (2002, p. 235).

É claro que não se espera de uma crítica de jornal ou de um portal como o *Omelete* comentários mais alentados e extensos. São textos sintéticos, breves, além de escritos no calor da hora. Mas não deixa de chamar a atenção a falta de qualquer relação com o contexto político da época. Lembre-se que o filme foi aos cinemas menos de um ano após o fatídico 11 de setembro, que implicou numa série de medidas restritivas de direitos e garantias individuais em nome da segurança da república estadunidense. A guerra ao terror, reação aos atentados às Torres Gêmeas, gerou, como se sabe, consequências nefastas para os EUA e o mundo. A tortura, por exemplo, legitimou-se, considerada um mal menor frente aos benefícios para as investigações em curso⁷. Ademais, foram disparadas as invasões ao Afeganistão e, depois, ao Iraque, gerando morte e barbárie.

6 A recepção focada no aspecto mitológico da saga já havia sido consagrada nas análises referentes à trilogia original. Como nota Lancashire (2002, p. 238), “the mythology, and not the political references, became the center of serious critical interest in the film [o primeiro, de 1977], for those who did not simply enjoy it as exhilarating special effects and intelligent popular culture fun”. O trabalho seminal, nesse sentido, é o de Gordon (1978), que identifica o apelo da trilogia original no uso daquilo que Joseph Campbell denomina, em seu *O herói de mil faces*, de “monomito”. No conceito de Campbell (1968), o herói arquetípico passa por três estágios: Partida, Iniciação e Retorno. Tipicamente, trata-se de um jovem filho da realeza, mas que vive em um duro exílio, desconhecendo de sua identidade; posteriormente, ele é convocado a deixar a terra distante por uma espécie de mensageiro, de modo que a partida significa um nascer para a vida adulta. Em sua jornada, ele depara-se com uma figura protetiva, normalmente um mago ou ermitão (Obi-Wan Kenobi, no caso da trilogia original), responsável por conceder-lhe os objetos e habilidades necessários em sua missão. Na companhia do velho sábio, o herói deixa sua zona de conforto, sua rotina, para então enfrentar o maligno guardião das fronteiras. O primeiro estágio da jornada, a Partida, finaliza-se, então, com uma passagem pela “barriga da baleia” (Luke, no primeiro filme, é mantido cativo na fortaleza inimiga), uma morte simbólica que culmina na segunda etapa, a Iniciação. Essa é marcada por uma série de proações que devem ser superadas com a ajuda dos bens e poderes recebidos do mentor (o sabre de luz, a típica arma *jedi*). Fundamental, neste ponto, o “Encontro com a Deusa” (Luke se aproxima da princesa Leia) e a “Reconciliação com o Pai” (a morte, consciente e serena, de Kenobi). Ao simbolicamente encontrar-se com sua mãe e entrar em sintonia com seu pai, o herói mostra-se pronto para sua Apoteose. Ele é o detentor da graça divina capaz de restaurar sua cultura: é a Força/Libido que Luke pode ter acesso agora que sua figura paterna se foi, tornando-o apto a exercer sua masculinidade. Com a Partida e a Iniciação finalizadas, tem-se, pois, o Retorno. O *status quo*, os aspectos negativos da figura paterna, são desmantelados em nome da renovação e da restauração. É essa invocação do arquétipo mítico que, na visão de Gordon, torna *Star Wars* tão fascinante. Na ausência de um mito contemporâneo, Lucas constrói uma mitologia capaz de satisfazer as demandas emocionais de adultos e crianças, comparável a um renascer religioso (GORDON, 1978, p. 324).

7 O próprio cinema estadunidense constitui parte do processo de normalização da prática violenta, eufemisticamente chamada de “técnica aprimorada de interrogatório”. É o que aponta Slavoj Žižek (2013) em crítica à película *A hora mais escura* (2012), de Kathryn Bigelow, filme que representa a caça a Osama bin Laden, na esteira dos atentados de 2001. Segundo o esloveno, “[n]inguém precisa ser um moralista, ou ingênuo sobre as urgências da luta contra os ataques terroristas, para pensar que torturar um ser humano é, em si mesmo, algo tão destruidor que representá-lo de maneira neutra – isto é, neutralizar este caráter destruidor – é por si uma maneira de apoiá-lo”.

Ataque dos clones encontra-se, portanto, em franco diálogo com o momento histórico no qual se insere. A preocupação de Lucas parece ser com o caminho muito curto que leva do medo e da histeria (no caso estadunidense, medo do terror, do Islã, do estrangeiro; no caso intergaláctico, medo dos separatistas) à perda de direitos e, em última instância, à ditadura. Também não deve ser ignorado que a obra veio à luz num momento em que pululavam nos EUA uma série de escândalos corporativos envolvendo nomes como Enron, Arthur Andersen, Tyco e WorldCom, de modo que outra crítica importante é aquela feita à combinação tóxica entre ganância e ambição política – lembre-se que, na galáxia (não tão) distante de Lucas, a *Federação do Comércio* e o *Clã Bancário* estão mancomunados com as forças autoritárias, atraídos pelas promessas de um maior livre mercado (LANCASHIRE, 2002, p. 236).

Não obstante os milhares e milhares de mortos gerados pela *Pax Americana*, muitos talvez tenham tomado o alerta do cineasta como exagerado. Afinal de contas, George W. Bush não se tornou nenhum ditador, transferindo seu cargo, ao fim do mandato, a um político do partido adversário que, sendo o primeiro negro a governar o país,⁸ parecia encarnar o espírito democrático estadunidense. Hoje, com líderes autoritários ascendendo democraticamente ao poder nos diversos continentes, assistir *O ataque dos clones* é quase uma experiência premonitória.

CONSERVADOR NOS COSTUMES, LIBERAL NA ECONOMIA

A busca por um texto político no filme de 2002 não deve ocorrer apenas no âmbito dos diálogos ali apresentados. Suas referências visuais são fundamentais para a crítica aqui intentada. Isso já fica claro logo na parte inicial da película, em que Coruscant, a capital da República, é palco de uma alucinante perseguição. O visual noturno do planeta-metrópole faz referência a dois grandes marcos da ficção científica no cinema: *Blade Runner* (1982)⁹, de Ridley Scott, e *Metropolis* (1926), de Fritz Lang, ambos críticos da cultura corporativa e, no caso do filme de 1982, neoliberal (LANCASHIRE, 2002, p. 240).

Tem-se, no filme de Ridley Scott, um detetive à caça de andróides revoltosos, que abandonaram seus postos de trabalhos forçados nas colônias interplanetárias. O cenário é uma escura, suja e poluída Los Angeles futurística (embora o filme se passe em 2019), na qual o progresso não implica em melhorias concretas para a vida dos indivíduos, mas é, antes, um poderoso produtor de miséria em massa. O protagonista, interpretado por Harrison Ford (um dos principais nomes do mundo *Star Wars*, é importante não esquecer) não é exatamente um policial, no sentido de um funcionário público responsável pela lei e a ordem: trata-se de um mundo no qual até mesmo a segurança pública foi privatizada. Crendo-se na concepção weberiana de que o que caracterizaria o Estado seria o monopólio legal do uso da força (WEBER, 1946), não parece haver local para o aparelho estatal. A figura mais poderosa da cidade é a empresa responsável pela criação dos andróides, a Tyrell, cujo fundador megalomaniaco julga-se uma espécie de Deus.

8 Importante lembrar que a eleição de Obama, embora tenha sido extremamente importante do ponto de vista da representatividade, mostrou-se problemática no âmbito bélico. Sua chegada à Casa Branca ocorreu na esteira de um discurso que prometia colocar fim à guerra ao terror; passados seus oito anos de governo, porém, o presidente não só manteve o confronto no Afeganistão, como, também, estendeu à Síria o combate a terroristas islâmicos.

9 Em 2017 foi lançada uma continuação da película, *Blade Runner 2049*, dirigida por Denis Villeneuve e responsável por recuperar vários dos temas do original. Como o próprio título indica, sua narrativa transcorre no ano de 2049, 30 anos após os eventos mostrados no primeiro filme.

Se várias das distopias do século XX, como o *1984*, de George Orwell, apresentaram pesadelos totalitários que surgem a partir de estados hipertrofiados, o filme baseado na obra de Philip K. Dick mostra que as corporações e empresas privadas podem ser tão autoritárias quanto a onipresença do Grande Irmão. O mundo de *Ataque dos clones* não é o de *Blade Runner*; antes de ser o retrato de uma galáxia sem Estado, o filme mostra, na verdade, a progressiva militarização de uma república e sua conversão – já no episódio seguinte, *A vingança dos Sith*¹⁰ (2005) – em um império. Mas o filme de Lucas concorda com o de Scott na concepção de que liberalismo econômico exacerbado e autoritarismo não são incompatíveis. Obi-Wan Kenobi, o mestre de Anakin, pôde percebê-lo ao presenciar todas as entidades representativas do grande capital jurarem lealdade ao Conde Dookan em troca de políticas econômicas “liberais”. Dookan, sublinhe-se, também atende pelo título alegórico de Darth Tyranus, o que por si só já é muito esclarecedor.¹¹

Ao lado de seu próprio contexto político, é muito provável que a principal referência histórica de Lucas na construção desse eixo da narrativa seja a ascensão de Mussolini. Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) recordam que a chegada do líder italiano ao poder fez com que o mercado de ações da península subisse fragorosamente, tendo sido aplaudida por vários membros do *establishment* liberal. “Eles encaravam Mussolini como um aliado útil”, afirmam os autores. “Contudo, como o cavalo da fábula de Esopo, [que se alia ao caçador humano no enfrentamento a um inimigo em comum, o javali, permitindo ao bípede que lhe monte] a Itália logo se viu sob rédeas e esporas”. Trata-se de um destino compartilhado pelos “capitalistas” em *Star Wars* quando, ao final do *Episódio III*, Palpatine ordena a Anakin que extermine os líderes da Federação de Comércio, os mesmos que o ajudaram em suas tramoias para atingir a liderança da galáxia.

Diferentemente de muitos brasileiros, Lucas não ficaria, pois, tão surpreso com o casamento entre o autoritário Jair Bolsonaro e seu ministro ultraliberal, Paulo Guedes. O economista, é importante lembrar, serviu ao Chile do ditador Augusto Pinochet, outro tirano afeito ao liberalismo econômico. E, no final de 2019, chegou a declarar que o povo não deveria se assustar caso alguém pedisse um novo AI-5 (BETIM, 2019).

O POVO CONTRA A DEMOCRACIA

Logo no início do filme, Obi-Wan desdenha dos políticos, afirmando que senadores se preocupariam apenas em agradar aqueles que financiam suas campanhas. Ideia semelhante retorna em *A vingança dos Sith*, quando o mesmo mestre *jedi*, após uma missão em que ele e seu aprendiz saem vitoriosos ao derrotarem Conde Dookan, afirma “ter medo de políticos” (VINGANÇA..., 2005). Seu pupilo não deixa de reproduzir o raciocínio. Quando a senadora Padmé diz a Anakin que o jovem com quem compartilhou seu primeiro beijo, um tal de Palo, se tornou um artista, enquanto ela enveredou pela carreira pública, o *jedi* revela sua predileção pela primeira profissão. “Não acho que o sistema funcione”, ele diz, “os políticos deveriam sentar-se e discutir os problemas, concluir o que é melhor para o povo

¹⁰ A palavra *sith* faz referência, na saga, ao grupo de guerreiros que funciona como uma espécie de antípoda aos *jedi*, com os quais compartilha várias técnicas de combate e habilidades. Palpatine, Darth Vader e o Conde Dookan - mencionado a seguir - são todos *sith*.

¹¹ O personagem é um antigo *jedi*, sendo descrito, logo no início do filme, como um idealista político. Assim, na concepção de Lancashire, o filme mostra que não apenas a ambição política (representada por Palpatine), mas também o idealismo político, quando desviado, seria perigoso para a democracia. Na verdade, a ambição manipulatória o idealismo, assim como o chanceler faz com Dookan (LANCASHIRE, 2002, p. 244).

e fazê-lo.” Amidala retruca, afirmando ser exatamente isso que os políticos fazem, embora seja muito difícil chegar a um consenso; sendo assim, Anakin defende que, não havendo acordo, uma figura sábia deveria convencer a todos e botar ordem na casa. “Isso me soa a ditadura”, diz a jovem, apenas para ouvir seu amado concluir a discussão com certo sorriso no rosto: “bem... se é o que funciona” (ATAQUE..., 2002).

Pensamentos semelhantes aos apresentados pelo jovem Skywalker estão em alta. Segundo Yascha Mounk (2019), uma boa forma de avaliar se as pessoas se encontram abertas a alternativas autoritárias é perguntar-lhes se acreditam que um líder que não tenha que se incomodar com o parlamento ou eleições seria um bom sistema de governo. Dentre os estadunidenses, a preferência por um líder forte como o descrito na pergunta é muito maior hoje do que o era há vinte anos. No que diz respeito aos jovens, os Anakins do planeta Terra, os dados são mais alarmantes: espantadores 44% dos entrevistados na “terra da liberdade” aceitariam um governante autoritário.

Também é importante destacar que o diálogo entre os dois apaixonados ocorre em um cenário profundamente idílico. Na concepção de Lancashire (2002, p. 240), isso não é casual. Contribui, na verdade, para a tese do filme de que a ingenuidade política é perigosa, potencialmente abrindo espaço para as ditaduras. A paisagem repleta de uma vegetação verde e belas quedas d’água não deixa de ser, também, uma possível referência ao filme *A noviça rebelde* (1965), de Robert Wise, no qual uma Áustria igualmente idílica encontra-se ameaçada pelo nazismo (LANCASHIRE, 2002, p. 240).¹²

A descrença de Obi-Wan e Anakin tem fundamentos bem reais, quando se pensa no caso de nosso singelo planeta Terra. Mounk (2019, n.p.) mostra como, nas últimas três décadas, o mundo ocidental ficou marcado pelo papel crescente de tribunais, agências burocráticas, bancos centrais e instituições supranacionais; ao mesmo tempo, ocorreu também um rápido crescimento das influências de lobistas, dos gastos com campanha, e do abismo a separar a classe política do povo que ela supostamente representa. Como consequência, houve um deslocamento efetivo entre sistema político e vontade popular. O que abre espaço para o populismo neofascista de Trump, Orbán, Bolsonaro e... Palpatine. Note-se que a burocratização do sistema político também não escapou a Lucas. Em *A ameaça fantasma*, Palpatine, ainda um senador qualquer, afirma que o chanceler em exercício até seria um homem honesto, mas incapaz de qualquer decisão efetiva, em razão de ser refém dos burocratas. Tampouco foi ignorada pelo clã Bolsonaro: em jantar na casa de Steve Bannon, ex-assessor de Donald Trump, Eduardo Bolsonaro foi alertado a respeito do *deep state*, teoria de acordo com a qual os funcionários do Estado – os burocratas – conspirariam contra o governante, a fim de impor sua própria agenda. Assim, de acordo com o alerta de Bannon, Bolsonaro deveria se rodear de “conservadores legítimos”,

12 As comparações com outras obras cinematográficas podem parecer arbitrárias, mas, na verdade, retomam algo que está no núcleo do fazer cinematográfico de George Lucas. Autores como Andrew Gordon, aqui já citado, e Robert Collins (1977) notam como o cineasta constrói seu mito moderno com base num verdadeiro pastiche da cultura popular. As referências são muitas, indo da literatura *pulp* às séries de TV. Nas palavras de Collins (1977, p. 2), “*Stars Wars*, on any other grounds, is inexplicable; taken for what it is, it functions as magic. With incredible audacity, it combines the stereotypes of modern pop literature and cinema with the Arthurian romance. Lucas deliberately and obviously steals from such movie antecedents as the original *Wizard Of Oz*, from the classic movie and pulp westerns based on the frontier tradition, from the old World War I and World War II flying battles. In fact, it is done so deliberately that a second considerations forces one to drop the word “steal” and substitute another verb; Lucas *weaves together* these elements of modern myth and ties them to earlier ones that have long since embedded themselves in our historical consciousness. The result is a new and effective narrative technique”. Embora tais reflexões tenham sido feitas acerca do filme original, não há motivos para crer que Lucas tenha procedido de maneira diversa nos episódios I, II e III.

a fim de seu governo não ser sequestrado pelos burocratas, desviando-se de seu propósito original (BILENKY, 2019)

Ao final de *A vingança dos Sith*, quando Anakin já está tomado pelo lado sombrio e a República deu origem ao Império Galáctico, Obi-Wan reconhece ter falhado com seu pupilo, agora um inimigo a ser destruído. Ele afirma seu compromisso com a democracia, alertando Anakin a respeito do caminho maligno que havia tomado. Na concepção do jovem, contudo, maligno seria o caminho dos *jedi*, esses sim inimigos da República. O mestre é, de fato, responsável pela queda de seu aprendiz, nos mais diferentes níveis; sua descrença para com políticos e, em última instância, para com a política como um todo, certamente é o embrião das concepções ditatoriais e populistas do pupilo. Lição muito importante – mas talvez tardia – para muitos hoje: a crítica incondicional à “política”, quando se traduz na mera negação da mesma, e não em propostas concretas, sérias e consequentes para sua reformulação, é um caminho que facilmente leva à ditadura.

O confronto entre os dois *jedi*, no qual Anakin, mesmo tendo sido um dos principais agentes na construção do Império, insiste em se afirmar defensor da República, mostra um traço muito comum entre os líderes populistas neofascistas. Na concepção de Mounk, esses seriam afeitos a vociferar seu comprometimento para com a democracia, o que se sintetizaria no elogio do presidente húngaro à eleição estadunidense de 2016: “Nas palavras de Viktor Orbán, a vitória de Trump assinalou a transição dos Estados Unidos de ‘não democracia liberal’ para ‘democracia real’” (MOUNK, 2019).

TORRES DE MARFIM

A fala do jovem guerreiro Skywalker, ao colocar os *jedi* como os verdadeiros inimigos da República, revela a prática populista de delimitar o *demos* – definindo quem faz parte do povo e quem é seu adversário – e, posteriormente, passar ao ataque das instituições “que ousam contestar sua reivindicação ao monopólio moral da representação” (MOUNK, 2019). A Ordem *Jedi* é responsável pela segurança republicana, uma verdadeira instituição, escolhida por Palpatine para ser o bode expiatório em sua ascensão ao poder. Com a derrota do movimento separatista, os *jedi* são o perigo a ser contido; para tanto, poderes maiores devem ser concedidos ao chanceler, transformando-o num imperador. O senado vibra efusivamente. Nas palavras de Padmé, “é assim que a República morre: ao som de aplausos” (VINGANÇA..., 2005).

Como afirmado acima, Mounk destaca que a independência dos bancos centrais é um dos fatores que contribui para o distanciamento entre o processo político e a vontade do povo. Isso porque suas decisões seriam supostamente técnicas, não passando pelo crivo democrático. Os *jedi* ocupam posição semelhante no universo *Star Wars*. Eles são, sim, os cavaleiros responsáveis por defender a democracia; ao mesmo tempo, contudo, são fechados, misteriosos, regidos por um código próprio e liderados por um conselho cujas deliberações são secretas. Nada mais distante do povo, portanto. E nada mais apto a ser pintado como seu inimigo...

Autarquias, bancos, cortes. São várias as instituições que, mesmo em democracias, costumam ser ocupadas por membros não eleitos, técnicos – e cujas decisões, salvo algumas exceções (como, geralmente, os tribunais), não costumam obedecer ao princípio da publicidade. Não por acaso, fazem os eleitores sentirem-se pouco influentes nas políticas públicas de seu país. É inegável que a independência

de tais instituições trouxe inúmeros avanços e benefícios, mas, como Lucas parece indicar com o caso *jedi*, vários também são os perigos.¹³

O exemplo de Obi-Wan e seus companheiros pode ser, da mesma maneira, estendido à ciência. Os *jedi*, além de guerreiros, são a encarnação da sabedoria da República. Contudo, trata-se de um saber ao alcance apenas dos poucos iniciados. O conhecimento científico, quando é disponível somente a uma pequena casta presa em torres de marfim e não faz verdadeiramente parte do debate público, corre o risco de ser vítima do mesmo processo que atinge os guerreiros intergalácticos, sendo desautorizada como mera ideologia, inimiga do povo. Não por acaso, terraplanistas e negacionistas do clima coincidem, no Brasil, com o séquito bolsonarista.

Ainda sobre os *jedi*, outro aspecto deve ser destacado. Sua incapacidade de enxergar um líder maléfico se fortalecer bem ao seu lado pode ser interpretada também como um sintoma do isolamento e enclausuramento da Ordem. É importante lembrar, contudo, que Palpatine recebe poderes do Senado de maneira legítima, isso é, com respeito às regras formais do jogo – o que pode explicar, em parte, a letargia dos guerreiros. Mounk (2019) sublinha que, ao lado das regras formais, existem nas democracias verdadeiras várias outras que são informais, de modo que não fica tão claro quando estão sendo transgredidas. Um dos maiores índices na ascensão populista no globo é, na concepção do autor de *O povo contra a democracia*, justamente o desrespeito a esse segundo tipo de normas, o que se configura uma grande ameaça ao regime democrático. Segundo o acadêmico, os senadores estadunidenses, embora respeitem os limites legais de sua autoridade, insistem em extrair o máximo proveito de cada regulamento, inclusive quando é evidente que isso subverte a lógica na qual esse mesmo regulamento foi concebido. É o caso observado em *Star Wars*: os *jedi* nutrem a esperança de que, finda a ameaça separatista, o chanceler abra mão da autoridade excepcional que lhe foi concedida pelo Senado; não há, contudo, qualquer obrigação formal para a abdicação de Palpatine, de modo que ele não só mantém seus poderes, como os amplia ao construir a ideia de que os próprios *jedi* são uma nova ameaça para a República.

Levitsky e Ziblatt (2018) apresentam intuições semelhantes às de Mounk nesse aspecto. Os autores afirmam que, embora associe-se a morte dos regimes democráticos a golpes militares ou revoltas armadas, “[d]emocracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de líderes eleitos – presidentes ou primeiros-ministros que subvertem o próprio processo que os levou ao poder”. Um processo que muitas vezes ocorre “aos poucos, em etapas que mal chegam a ser visíveis” (não por acaso, a conversão de Palpatine de chanceler a imperador é feita de maneira paciente, levando ao menos 13 anos). Assim como na concepção de Mounk, os autores de *Como as democracias morrem* também salientam a importância das normas não formais para o funcionamento do jogo democrático, ainda que, por ser difícil de se ver, seja comum que muitos as tomem como desnecessárias. Embora várias sejam tais regras, duas, na concepção da dupla, se destacariam: a *tolerância mútua*, respeito à ideia de que os rivais, caso se mantenham na institucionalidade, têm o direito de existir; e a *reserva institucional*, o uso limitado e moderado de um direito legal (LEVITSKY *et al.*, 2018).

13 Aqui não se quer insinuar, de nenhuma maneira, que tribunais devem perder sua independência. Diferentemente dos bancos centrais e autarquias, ligadas ao poder executivo, as cortes pertencem ao poder judiciário. E a independência desse é fundamental para qualquer democracia verdadeira.

Os *jedi* são vítimas do desrespeito às duas normas. Quando fica claro que Palpatine não obedecerá à reserva institucional, mantendo os poderes extraordinários que lhe foram concedidos pelo Senado mesmo com a morte do líder separatista, os cavaleiros da Ordem passam a lhe fazer oposição. Não demora muito para que eles sejam considerados inimigos da república: no final melancólico de *A vingança dos Sith*, são eliminados um a um. Cessa o seu direito de existir.¹⁴

O uso que George Lucas faz dos temas mitológicos na trilogia original é, repita-se, amplamente conhecido. Na segunda trilogia eles também estão presentes, e não deixa de chamar a atenção o caráter trágico da narrativa, permeado pela *hybris* de seus heróis. E ela se manifesta da maneira mais intensa justamente na cegueira *jedi*. Teoricamente representantes da sabedoria e do equilíbrio na galáxia, os guerreiros revelam-se cada vez mais ingênuos e arrogantes; no ato final de *Ataque dos clones*, são eles que, embora tivessem por objetivo manter a paz, dão início à guerra. Nas palavras de Lancashire (2002, p. 245)

A imagem de Yoda comandando *stormtroopers* em Geonosis funciona em conjunto com a cena final do filme – na qual o chanceler observa, (significativamente) ao pôr do sol de Coruscant, o agrupar de um exército autoritário – como uma indicadora de quanto a república democrática e seus líderes se aproximaram da ditadura imperial.¹⁵

São vários os simbolismos que indicam que não apenas os *jedi*, mas diversos outros líderes bem-intencionados da República, estão perdendo a capacidade de perceber adequadamente a realidade em seu entorno: as nuvens que cobrem o céu de Coruscant, sede do conselho da Ordem, é um bom exemplo, ao mesmo tempo em que o planeta Kamino, no qual, à revelia dos cavaleiros, é produzido o futuro exército republicano, não aparece nos arquivos *jedi*. Como o mestre Yoda nota, apenas um *jedi* poderia ter apagado o planeta dos registros. Na concepção de Lancashire (2002, p. 246), trata-se de uma metáfora para o fato de que os próprios cavaleiros são responsáveis por sua perda de visão.

NOSSO VIZINHO, JAR JAR BINKS

Quando *A ameaça fantasma* estreou nos cinemas, grandes foram os descontentamentos. A maior parte das críticas recaiu sobre um personagem específico, Jar Jar Binks, espécie de ser anfíbio criado, nas telonas, por uma questionável computação digital. A criatura é ingênua, infantil, atrapalhada e, no conceber de muitos, irritante.¹⁶ Em *O ataque dos clones*, o tempo em tela de Jar Jar é quase mínimo – mas fundamental para a narrativa.

Amidala, sabe-se desde o letreiro inicial do filme, é uma das senadoras líderes na oposição à guerra. Contudo, quando os atentados à sua vida a levam a se esconder, ela deve se afastar de suas atividades

14 Há motivos contundentes para crer que o bolsonarismo vai pela mesma via. O governante abusa de suas prerrogativas institucionais, editando medidas provisórias em série na sua recusa em negociar com o parlamento (recusa essa que se arrefeceu nos últimos meses, é verdade, com o Presidente se aproximando cada vez mais do chamado “centrão”), enquanto seus apoiadores agredem jornalistas e pedem que o Congresso e o Supremo Tribunal Federal sejam fechados, vez que “inimigos do Brasil” (foi-se embora, pois, a tolerância mútua).

15 Tradução livre feita pelo autor deste artigo, a partir do original, em inglês: “The visual image of Yoda commanding stormtroopers on Geonosis works together with the film’s final image of the Republic’s Chancellor on Coruscant at (significantly) sunset, overseeing the gathering totalitarian army, as an indicator of how far the democratic Republic and its leaders have fallen towards imperial dictatorship.”

16 Parte considerável do descontentamento surgido em relação a Jar Jar Binks pode ser atribuída a uma incapacidade de se ver a intertextualidade na obra de Lucas. Alguns defendem, por exemplo, que o ser atrapalhado é uma homenagem do cineasta às comédias mudas de Buster Keaton (MOURA, 2019, p. 130).

políticas. Isso não ocorre antes que ela aponte alguém para substituí-la no Senado: Jar Jar Binks. Vítima de uma manipulação insidiosa por parte de Palpatine, o suplente, assustado e contrariando os anseios da própria Padmé, leva o parlamento a aprovar a lei marcial que permite à República construir seu exército.

O personagem, é importante lembrar, provém de um mundo subaquático, Gungan, lugar tomado por Lancashire (2002, p. 244) como símbolo do subconsciente e do lado emocional da humanidade, em oposição à faceta racional, representada por Naboo, na superfície. Ainda em *A ameaça fantasma*, Yoda afirma que “o medo leva à raiva, a raiva leva ao ódio, e o ódio leva ao sofrimento” (AMEAÇA..., 1999). Já *Ataque dos clones*, na concepção de Lancashire (2002, p. 250), mostraria o quanto o medo pode levar não apenas ao aprisionamento pessoal pelas paixões, mas também, num nível político mais amplo, ao aprisionamento pela ditadura e pela tirania. A tese de Lucas parece ser a de que a queda da democracia pode ocorrer não à revelia do povo, mas, sim, com seu apoio. Todos os cidadãos – nós, nossos vizinhos – são potenciais Jar Jar Binks: ingênuos, tendentes ao pânico, tementes frente à possibilidade de perda e excessivamente confiantes em dar poderes àqueles que prometem uma solução (LANCASHIRE, 2002, p. 251).

O medo – dos comunistas, da violência urbana – foi um dos principais motores da eleição de Jair Bolsonaro, com seu conhecido militarismo (generais são louvados e colocados para ocupar ministérios importantes, enquanto defende-se o armamento da população e a militarização das escolas); o exército de *Star Wars* é formado por clones (daí o título do filme), enquanto o de Bolsonaro é constituído pelos inúmeros bots que disparam notícias falsas e mensagens de ódio na internet, espalhando o medo e capitalizando sobre ele. Os clones de *Star Wars* são modificados geneticamente para serem passivos, dóceis e submissos. A inteligência artificial utilizada pelo infame “gabinete do ódio” bolsonarista vai por caminho semelhante, meramente executando as ordens daqueles que a programaram – e criando bolhas ideológicas que excluem o contato com ideias divergentes. A essência de ambos é profundamente antidemocrática. O debate, a independência de ideias, o contraditório que caracterizam o Estado democrático de direito acabam por desmoronar.

Os Jar Jar Binks saudaram, em massa, a militarização, ignorando o alerta que Lucas fizera já na trilogia original. Ao final de *Uma nova esperança*, o primeiro longa da saga a ser lançado, há uma famosa cerimônia de entrega de medalhas, na qual os protagonistas são premiados por seu serviço e bravura. A referência clara para a construção da cena é a propaganda de guerra nazista, sugerindo, assim, que o militarismo, mesmo o bem-intencionado (como o dos “mocinhos”), é profundamente perigoso (LANCASHIRE, 2002, p. 252).

As crises, como a que assusta Jar Jar, são difíceis de prever. Seus resultados, nem tanto (LEVITSKY *et al.*, 2018). Nos dizeres de Levitsky e Zeblatt,

[e]las facilitam a concentração e, com muita frequência, o abuso de poder. Guerras e ataques terroristas produzem um efeito de “reagrupamento em torno da bandeira”, no qual o apoio público ao governo aumenta – muitas vezes de maneira dramática.

Não é de se estranhar, portanto, que *Ataque dos clones* se inicie com um ato “terrorista” – o atentado contra a senadora Amidala – e termine em um conflito armado – as chamadas “Guerras Clônicas”. Entre os dois eventos, a proposta de Jar Jar Binks para que seja aprovada a construção de um exército republicano é recebida com aplausos ensurdecadores. Recorde-se, mais uma vez, que

a película foi lançada no ano seguinte àquele que talvez seja o maior ataque terrorista sofrido pelos EUA. E, “na esteira do 11 de setembro, o presidente Bush viu sua aprovação disparar de 53% para 90%” (LEVITSKY *et al.*, 2018); com tamanha popularidade, acabou ficando sem vigilância e controle, o que lhe permitiu aprovar, no mês seguinte ao ataque, a nefasta Lei Patriótica dos Estados Unidos (LEVITSKY *et al.*, 2018).

Contudo, a imprevisibilidade das crises não impede que elas possam ser, também, fabricadas. Levitsky e Ziblatt (2018, n.p.) invocam, por exemplo, o caso do presidente filipino Ferdinand Marcos. Em 1972, a fim de justificar reformas normativas que lhe confeririam um terceiro mandato, Marcos alimentou uma histeria pública (a boa e velha “ameaça comunista”) e, ao que tudo indica, foi o responsável por ataques a bomba em Manila e pela suposta tentativa de assassinato do Secretário de Defesa Juan Enrile.

Na saga *Star Wars*, a segunda face de Palpatine é Darth Sidious, a mente maléfica por trás da revolta separatista. Assim como Marcos – ou Hitler, outra figura mais comumente associada ao Imperador, cujo partido foi muito provavelmente o responsável pelo atentado ao *Reichstag*, que *justificou uma série de decretos emergenciais que desmantelaram liberdades civis* (LEVITSKY *et al.*, 2018) –, Palpatine manipula o cenário político e constrói, paulatinamente (“palpatinamente?”), a crise que lhe permite ascender politicamente e receber os superpoderes que iniciam o Império. Seu título *sith*, assim como Darth Tyranus, é alegórico: remete ao adjetivo *insidious* (insidioso), pérfido, traiçoeiro.

Muitas vezes, é claro, as crises se manifestam de maneira muito mais sutis e discretas (insidiosas?). O que já basta para despertar a ameaça autoritária, como bem mostra Mounk (2019). Ao escrever a respeito do caso estadunidense, o autor destaca que o progresso econômico rápido que foi o padrão no pós-guerra serviu para dar legitimidade à democracia liberal; com a estagnação financeira, muitos dos que ainda vivem em conforto, mas receosos em relação ao amanhã, correm desesperadamente para os braços de demagogos. Com o medo em relação à imigração ocorre fenômeno semelhante. São aqueles que estão tendo contato com imigrantes pela primeira vez, e não aqueles que vivem em áreas onde estrangeiros são mais numerosos, que costumam ser os mais entusiasmados no apoio aos populistas. Em ambos os casos, há um medo do futuro.

Em *Ataque dos clones*, a situação não é lá muito diferente. Enquanto Anakin e Obi-Wan perseguem a responsável por tentar assassinar Padmé, a cidade/planeta de Coruscant segue seu rumo casual. No máximo, há algumas reclamações pelos problemas causados pela dupla no tráfego aéreo, ou sustos provocados pela abrupta entrada em cena dos personagens. Ademais, o atentado à senadora que abre o filme ocorre num lugar isolado, ainda que na capital. Todos os principais enfrentamentos da película se dão fora, ou às margens, da República. Portanto, a população se rende aos apelos de Palpatine muito menos pelos impactos reais que vivenciam na própria pele do que pelo temor em relação a um porvir que, em decorrência das armações do chanceler, lhes parece sinistro. Jar Jar Binks não se encontra ameaçado; na verdade sua situação melhorou, e muito, indo de um exilado trapalhão a político de relevo. Mas ele tem medo do que pode vir a ser.

Mais uma vez o destino trágico se manifesta: na tentativa de salvar sua amada República, o ingênuo político ajuda a aprovar a lei que a colocará ao chão.

CONCLUSÃO: O ESPÍRITO DA FICÇÃO CIENTÍFICA

A intenção deste artigo não é, de nenhum modo, pintar George Lucas como uma espécie de futurólogo. Embora *Ataque dos clones* antecipe várias das características do populismo autoritário da contemporaneidade, é inegável que ele o faz tomando por base exemplos históricos – Hitler, Mussolini etc. – e, também, a própria Era Bush na qual o filme se produziu.

A sensação de presciência vem, em grande parte, daquilo que caracteriza a boa ficção científica. Em *Idoru*, romance publicado por William Gibson (não por acaso, um autor cujas obras são comumente apontadas como futurologia) em 1996, o protagonista Laney tem a habilidade de identificar os pontos nodais em meio à vastidão de dados e informações, e, assim, antecipar tendências e acontecimentos. Trata-se de uma metáfora para o próprio fazer do autor de ficção científica: Gibson e Lucas, dentre outros, são capazes de perceber aquilo que, embora ainda se encontre em forma embrionária no presente, pode se tornar característica dominante no futuro. Portanto, o grande mérito de *Ataque dos clones* não é realizar uma previsão arbitrária de um porvir qualquer, mas, sim, identificar em seu próprio contexto, como as restrições a direitos individuais implantadas pelo governo estadunidense em nome da guerra ao terror, aquilo que, caso não tenha seu curso interrompido, pode levar a consequências sombrias no futuro. Consequências que hoje, quase 20 anos após seu lançamento, Brasil e EUA tristemente vivenciam.

REFERÊNCIAS

AMEAÇA...A ameaça Fantasma (*Star Wars – Episódio I*). Direção: George Lucas. 136 min, color, 1999. Disponível em: Amazon Prime Video. Acesso em: 15 de maio de 2020.

AMORIM, Cristina. “O Ataque dos Clones” é diversão e mais nada além disso. *Folha de São Paulo* (versão digital). São Paulo, 28 de junho de 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/critica/ult569u742.shtml>>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

ATAQUE...O Ataque dos Clones (*Star Wars: Episódio II*). Direção: George Lucas. 142 min, color, 2002. Disponível em: Amazon Prime Video. Acesso em: 15 de maio de 2020.

ARAUJO, Inácio. “Ataque dos Clones” reafirma mitologia de George Lucas. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 1º de julho de 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0107200211.htm>>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

BETIM, Felipe. Paulo Guedes repete ameaça de AI-5 e reforça investida radical do Governo Bolsonaro. *El país* (edição brasileira). 26 de novembro de 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/22/politica/1574424459_017981.html>. Acesso em 19 de maio de 2020.

BILENKY, Thais. A viagem do vagão. *piauí*. Número 162, p. 18-27. Rio de Janeiro, março de 2020.

BORGO, Érico. *Star Wars: Episódio II – O Ataque dos Clones*. *Omelete*. 28 de junho de 2002. Disponível em <<https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/star-wars-episodio-ii-ataque-dos-clones>>. Acesso em 18 de maio de 2020.

CAMPBELL, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. Princeton: Princeton University Press, 1968.

COLLINS, Robert G. Star Wars : The Pastiche of Myth and the Yearning for a Past Future. *The Journal of Popular Culture*, XI (1), p. 1-10, 1977.

GORDON, Andrew. "Star Wars": A Myth for Our Time. *Literature/film Quartely*, vo. 6, n. 4, 1978, p. 314-326.

LANCASHIRE, Anne. *Attack of the Clones* and the Politics of Star Wars. *The Dalhousie Review*, vol. 82, iss. 2, p. 235-253, 2002.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Tradução de Renato Aguiar. São Paulo: Zahar, 2018, edição virtual (e-book Kindle)

MOUNK, Yascha. *O povo contra a democracia: Porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. Tradução de Cássio Arantes de Leite. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, edição virtual (e-book Kindle).

MOURA, Pedro. Uma outra Ameaça Fantasma: a relação entre autor, conteúdos e públicos em *The Prequels Strike Back*. *OBS**, Lisboa , v. 13, n. 1, p. 122-136, mar. 2019. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-59542019000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 maio 2020.

TAYLOR, Josh. Netflix is reducing streaming quality amid coronavirus. How will it affect viewing in australia ? *The Guardian*. 26 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2020/mar/26/netflix-is-reducing-streaming-quality-amid-coronavirus-how-will-it-affect-viewing-in-australia>>. Acesso em: 17 de maio de 2020.

VINGANÇA...A vingança dos Sith (Star Wars – Episódio III). Direção: George Lucas. 140 min, color, 2005. Disponível em: Amazon Prime Video. Acesso em: 15 de maio de 2020.

WEBER, Max. Politics as a Vocation. In *Essays in Sociology*, p. 77-128. Tradução para o inglês de H.H. Gerth and C. Wright Mills. New York: Oxford University Press, 1946.

ŽIŽEK, Slavoj. Normalização da tortura? Não, obrigado! *Blog da Boitempo*. 8 de fevereiro de 2013. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2013/02/08/normalizacao-da-tortura-nao-obrigado/>>. acesso em: 8 de novembro de 2021.